

Um universo em uma vida

Fany Faintych coleciona obras de arte e moda adquiridas em suas viagens pelo mundo. Em Curitiba, aos 92 anos, apresenta – pela primeira vez – à TOPVIEW sua coleção de peças e histórias

por Maria Isabel Miqueletto

Nós não somos uma pessoa, somos várias. Essa é a primeira premissa para contar a história de alguém, defende o jornalista e contador do mundo curitibano José Carlos Fernandes. Me tomou uma tarde e um pedaço de bolo de fubá com goiabada para conhecer algumas facetas de Fany Faintych, de 92 anos, colecionadora de arte e entusiasta da moda.

Só algumas, porque a pontagrossense é daquelas que aparentam ter vivido várias vidas em uma só. A construção de sua personalidade começou quando a redação da TOPVIEW recebeu uma ligação, em junho. Era Fany perguntando por Ana Claudia Michelin, embaixadora de tendências da revista, para saber onde poderia comprar o livro dos ícones da moda de 1955, que apareceu com ela em uma foto publicada.

Quando Ana contatou Fany, descobriu

outra camada dessa história: ela guardava uma coleção de peças de diversas partes do mundo compradas em suas viagens ao longo das últimas décadas. Quando o catálogo chegou em minhas mãos, em julho, mostrou-se muito maior do que imaginávamos. Peças do século XIX, das décadas de 1920, 1930, 1940 até as mais atuais dos anos 1970, o grande chamariz da coleção.

São peças de roupa, luvas, golas, óculos, bolsas, perfumes e roupas íntimas. "Quase toda a coleção são roupas minhas, do meu uso, pelas viagens eu fui comprando. Coisas muito boas (risos). Eu sempre me vesti muito bem", conta. A curadoria impressiona pelo cuidado com a preservação e catalogação de todos os itens, que decidiu organizar há cinco anos. Fany vive o mundo com fome de conhecimento. Carrega suas histórias como sua coleção de moda e arte: com extremo cuidado, atenção a todos os detalhes e memória irretocável.

“Eu nunca segui uma moda, eu sempre criei a minha própria moda”



No princípio não foi moda – ou arte

A amante da moda quase caiu para o lado das biológicas: seu desejo era fazer Medicina. Seus pais, por outro lado, acharam que era jovem demais para sair da cidade – seu irmão o fez e mudou-se para Curitiba. Por lá, aproveitou para ingressar na faculdade e estudou línguas neolatinas, italiano, latim, português e romeno. De casa, já sabia o polonês, idioma na qual foi alfabetizada, e o espanhol, que ouvia nas rádios argentinas e uruguaias que seu pai acompanhava óperas. Inglês e alemão aprendeu sozinha. No ginásio foi o latim e o francês. “Falo, leio e escrevo – conta de mentiroso – oito idiomas”, conta, entusiasmada. “Estou com dois livros de russo aqui para começar a estudar, o alfabeto é o mesmo do grego, que eu já estudei. Quero reviver isso.”

Encara a vida assim, como uma jornada de conhecimento – de si e do que o mundo tem para oferecer. Susan Sontag disse certa vez, em uma entrevista, que queria estar presente por inteiro na sua vida – ser contemporânea de si mesma na *sua* vida. Fany segue a filosofia. “Eu sou assim. A gente não pode negar a identidade. Não existe coisa impossível e todos os dias a gente aprende. Tem que ter a cabeça aberta para aprender, só não aprende aquele que é burro ou ignorante.”

Nascida na década de 1920, observou de olhos bem abertos as grandes tragédias e conquistas do último século. O Holocausto, em específico, deixou marcas em sua família, judia. Sua mãe nasceu em Varsóvia, na Polônia. O pai, de mesma origem, era músico e chegou a servir no exército do Czar Nicolau na Primeira Guerra Mundial. Chegaram ao Brasil em 1923. “Meus pais empenharam os bens deles para ter dinheiro para pagar a viagem da irmã da minha mãe para Ponta Grossa antes do Holocausto”, conta, como se falasse sobre um evento de sexta-feira passada. Isso moldou sua criação, sempre econômica. O Holocausto matou uma irmã da mãe e os dois filhos. “O pai da minha mãe também se foi no campo de concentração. O pai do meu pai conseguiu [sair]. Meu pai mandava dinheiro para ele, me lembro disso.” Visitou, anos mais tarde, o local. “Terrível, terrível, terrível. O pior de tudo é o quadro da entrada, em alemão, que diz: ‘o trabalho faz a paz/saúde/liberdade’.”

Conexões pelo caminho

Se toda vida é habitada pelo extraordinário, como diz a jornalista Eliane Brum, a de Fany merece menção honrosa pelos seus ‘habitantes’ espantosos. Nunca casou nem tem filhos, mas acumula na bagagem dezenas de pessoas e conexões pelas quais zela muito bem. Suas andanças começaram depois que saiu de Ponta Grossa para viver em São Paulo, para “fugir” de uma situação complicada. É claro, envolvia desencontros típicos das paixões juvenis.

“Eu tive um apaixonadíssimo por mim, que me rogou uma praga porque eu já estava apaixonada por outro. Ele disse: ‘você há de estar sentada à beira da estrada da vida – ele era poeta – chupando o dedo e vendo os outros serem felizes’, recorda. Isso porque ela já estava apaixonada por um homem que conheceu em uma noite de Carnaval em um clube. Mas tinha um empecilho: ele não era judeu. “Ele não queria fugir, porque era muito tradicional. Eu sugeri: ‘você faz um ligeiro estudo da tradição judaica, se batiza, e depois a gente casa na minha religião e na sua.’ Parecia uma boa proposta, mas a parte da circuncisão envolvida no batismo assustou o pretendente. “Então pensei: ‘vou embora para fugir disso’. Terminei meus estudos na faculdade, em 1954, e fui para São Paulo.”

Para alguém que foi atingida por tamanho agouro, Fany se livrou bem. Começou na capital paulista lecionando latim, francês e inglês. Alugava um quarto na casa da mãe da Yara Bernette, a grande pianista. Aí a vida tomou conta de apresentar os caminhos até então misteriosos. No aniversário de uma amiga conheceu Beatriz e a Raquel Segall, as duas noras do pintor, escultor e gravurista judeu Lasar Segall. Fany queria outro emprego e Eugenia Klabin Segall, esposa do artista, tinha uma vaga. O encontro marcou o começo de sua ligação com a arte.

No início, ajudava Dona Geni, que era tradutora, nos trabalhos em francês e em alemão. “Quando Segall [o marido] piorava [de saúde], eu ia para o ateliê dele para botar ordem na biblioteca, na correspondência, nos recortes de jornais e revistas do mundo inteiro. Conheci todos os críticos de arte.” Após a morte do pintor, embarcou em uma viagem para a Europa com Geni. Foram nove meses “viajando com chofer, nos melhores hotéis, maiores museus e restaurantes”, conta.



“Sempre me vesti muito bem, mas eu não me achava bonita, não tinha confiança em mim mesma. Me tornei mais charmosa aqui, me valendo da velhice”

“Salvador Dalí me dava piscadas toda vez que passava pela minha mesa [em um jantar em Madri]”



O QG da dupla era a Cidade Luz, mas passaram por várias cidades europeias. Foi a primeira viagem de Fany para o velho continente. Ao chegar em Veneza, nem conseguia acreditar no que estava vivendo. “Em Veneza pegamos uma gôndola e eu me beliscava, pensando: ‘será que sou eu mesma?’” Depois ainda se apaixonaria por Nova Iorque, “um lugar que eu gostaria de morar”, conheceria lugares como Israel, “onde quase me casei”, e a África, que “conheço muito bem, tenho uma coleção de peças africanas.”

Mas foi na Europa que conheceu grandes personalidades e artistas de Hollywood. “[O pianista e maestro russo] Igor Stravinsky estava no mesmo hotel que eu, quando veio para concerto.” Por lá protagonizou outro encontro inusitado – com o pintor espanhol Salvador Dalí, desta vez em Madri, na Espanha. “Ele me dava piscadas toda vez que passava pela minha mesa [em um jantar]. Devo estar numa fotografia com ele. Estava esperando o chofer na porta do hotel e ele se pôs na minha frente, aí quando o fotógrafo passou, ele fez questão de tirar a foto comigo.” Conheceu, também, Mireille Darc, estrela do cinema francês.

Por aqui, sua experiência não fica atrás em termos de contatos. Fany era amiga de Pietro Maria Bardi, o fundador do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) – “até mais do que era amiga da Lina Bo. Ela era uma grande arquiteta.” Conheceu Clodovil quando ele ainda morava com a mãe em Higienópolis, antes de se tornar um dos maiores ícones da televisão brasileira. “Também conheci muitos presidentes, Washington Luiz, Getúlio Vargas, Dutra, Médici, os ditadores, o Figueiredo – mas nunca me vali deles”, faz questão de frisar.

O trabalho com a família Segall durou dez anos, entre 1955 e 1965. Depois, Fany foi a responsável pela abertura das Galerias Eucatex pelo Brasil – uma delas em Curitiba. Nesse tempo, participando de muitos leilões, inaugurações de galerias e eventos culturais, descobriu dezenas de artistas – e começou a colecionar obras. Já se desfez de algumas, mas ainda mantém muitas em seu apartamento no Água Verde, em Curitiba. A mudança para a capital paranaense foi no final de 2019, para ficar mais próxima do sobrinho.



La mode à la Fany

A icônica editora-chefe da Vogue e Harper's Bazaar nos anos 1960, Diana Vreeland, dizia que “só há uma vida boa, aquela que você sabe que quer e que constrói para si mesma”. Foi o que fez Fany, que nunca seguiu o caminho do meio, mas decidiu prontamente qual era a direção que tomaria – em muitos casos, diferente de grande parte de sua geração. “Ela [Fany] tem peças ousadas e tem [também] um tradicionalismo. Ela era [uma mulher] à frente do seu tempo”, ressalta Dani Nogueira, historiadora da moda, colunista da TOPVIEW e curadora das peças da coleção usadas no editorial de moda desta edição. “Ela tem um convencional dentro dela. É o que faz ela ser tão interessante, porque ela tem um encontro com uma tradição que a gente não conheceu, mas quer trazer [para o hoje]. É muito bacana ver que uma mulher de 92 anos nos entrega uma continuidade de nós mesmas, de desejo de ser mais.”

Por mais que afirme não ter sido uma jovem confiante, seu estilo dizia o contrário. Era uma mulher independente, que escolheu estudar e trabalhar e participava, sozinha, dos círculos intelectuais e artísticos da época – e suas roupas também passavam essa mensagem. É possível, ainda, traçar outro paralelo com Vreeland: impulsionadas pelo conhecimento, com muita originalidade e um estilo marcante, ambas exploraram novos espaços e lugares, sem deixar um protocolo de gênero ditar o que fariam a seguir. “Eu nunca segui uma moda, eu sempre criei a minha própria moda”, diz Fany, orgulhosa.

A relação com a moda, entretanto, não começou pelo amor. Aos nove anos, para um encontro com a antiga professora, a mãe de Fany a vestiu com a saia do uniforme da escola polonesa e, como a blusa estava suja, escolheu um casaco de pijama. Dona Justina virou para ela e questionou se não tinha uma roupa melhor para vestir. Outra vez, em um feriado de Sete de Setembro, não pôde participar do desfile porque sua mãe a calçou com um sapatinho vermelho em vez de um tênis branco, que era exigido. “Isso me traumatizou. Foi aí que eu comecei”, relembra. A inspiração não veio da mãe, como em tantos casos. A progenitora era o contrário da filha, nada vaidosa.

“Me tornei mais charmosa aqui, me valendo da velhice. A minha religião é: Deus, respeito e diálogo/comunicação. É isso, mais nada. É a minha identidade”

A arte do cuidado

Em tempos de minimalismo e Marie Kondo, talvez o acúmulo de quase um século de história assuma os ares de um galpão de quinquilharias. Mas, neste caso, representa anos de experiências e, sobretudo, a arte da durabilidade e do cuidado. Na sala, onde conversamos, conta muito sobre o universo da proprietária: as almofadas do sofá, por exemplo, foram presente do casamento dos pais, há mais de 100 anos. “Teve um incêndio na fábrica de móveis do meu pai, por volta de 1963, que queimou várias coisas da mãe, incluindo o vestido de noiva dela. Foi uma pena”, lamenta.

O contraste está nas obras feitas por Fany – sua “reciclarte”, como chama. “Faço arte com coisas que os outros jogam no lixo, com coisas que encontro na rua e em lixeiras”, explica. “A decoração aqui em casa tem coisa muito moderna e tem coisas antigas. Eu procuro combinar tudo.” Segue bem o que dizem os astros: uma capricorniana nata, muito organizada e respeitosa – “gosto do antigo e do supermoderno”, acrescenta. Reza a lenda que os capricornianos nascem envelhecidos e rejuvenescem com o tempo. Parece ser o caso aqui.

No início de sua nonagésima década, vive o auge de sua confiança – resultados de anos de autoconhecimento e convivência consigo mesma. “Me tornei mais charmosa aqui, me valendo da velhice. A minha religião é: Deus, respeito e diálogo/comunicação. É isso, mais nada. É a minha identidade.” O que permanece intacto é seu lema: tenha os olhos abertos não só para ver, mas para enxergar. Nota típica de uma observadora afiada, que todos os dias ainda encontra muitas coisas novas para enxergar.

Assista ao mini-documentário gravado com Fany Faintych no portal da TOPVIEW.



As vidas em cada peça

A coleção conta a história de Fany, uma mulher independente que traçou um interessante caminho na arte e na moda, mas, acima disso, mostra fases, estilos, movimentos e marcos ocorridos no mundo nos últimos séculos.

Aqui, convidamos Dani Nogueira, historiadora da moda e curadora das peças fotografadas no editorial, para analisar e contextualizar alguns destaques do acervo.

Kaftan – 1960/1970 (foto de capa desta edição)

O kaftan lembra a indumentária oriental, em especial a bizantina. “Por Bizâncio, na divisão do império romano, ficar onde é a Constantinopla, estavam muito perto do oriente e, por isso, sofreram essa influência na indumentária. Então, é comum ver manga martelo – e essa peça, que é muito mais um manto do que uma roupa definida.” A peça tem códigos do oriente e da espiritualidade, depois passa pelo modernismo e pela Op art. “Outra coisa icônica é ser da Marimekko, uma fábrica de roupas finlandesa dos anos 1950.”

Casaco – 1980 | Camisola – 1940

Esta peça tem forte influência do orientalismo. Um ponto interessante é que, por ser maleável e solta, permitia que a mulher se movimentasse. “[A peça] tenta dar aquela quebrada para uma linha de blazers e paletós, à la Armani, nos anos 1980, que foi tirada do guarda-roupa masculino e colocado na mulher.” O linho aliado a cor cáqui passa a sensação de leveza, um contraponto ao cinza urbano que os blazer e casacos dos anos 1980 têm – o que a torna tão atual. “Hoje, estou [as pessoas] conectado com esse look: tem o eu, tem a quarentena, tem a lingerie, tem o ‘deleite-se’ e o prazer próprio, o ‘estar à vontade’, e tem essa capa, que está tão ligada às questões que passamos. O que vai ser o bem vestido na pandemia? É conseguir encaixar aquilo que você pensa e sente dentro de uma roupa.”

A peça ainda se conecta às reflexões das mulheres ao ingressar no mercado de trabalho. “Quando falamos da força da mulher Fany, não falamos de uma mulher endurecida. Quando você olha pra Fany, encontra toda a força, como uma silhueta maior, aquilo que abriga, mas com essa delicadeza por dentro, essa energia yin, essa vaidade. É até uma parte importante de colocar ela dentro do trabalho – era um ambiente muito difícil para uma mulher, especialmente solteira e ligadas ao mundo da arte.”



A camisola, parte da coleção de lingerie, é de seda. “É trazer a textura para perto do corpo, um deleite de trazer o têxtil para perto de você, se dando o melhor, independentemente se alguém está vendo ou não. Isso demonstra cuidado e a busca de uma beleza pessoal, naquilo que entregamos para nós mesmas.” A partir da combinação de uma roupa “de fora”, o casaco, com uma roupa “de dentro”, a camisola, é possível, ainda, traçar um diálogo com as percepções sentidas durante o período da pandemia. “Uma conclusão que se chega é que, depois de um processo auto-consciente, entender a frivolidade e o prazer como coisas possíveis para essa vida faz parte de nós e temos que acatar. Claro, servindo o outro, mas também servindo a nós mesmas – aquela história de ‘coloque a sua máscara primeiro’.”

Anágua – final do século 19 | Vestido de shantung selvagem – 1960 | Blusa – 1950

“A anágua tem toda uma ligação dentro do mundo feminino, uma relação com a mulher dentro da moda. Começa como uma peça principal, muitas vezes de seda, bordada com fios de ouro, incrustada com pedras e pérolas. Depois, ao adentrar às camadas que não tem acesso à investir em roupas, vai se tornando cada vez mais simples – em vários casos, apenas um pedaço de linho. As mulheres das aldeias e que trabalhavam nos burgos acabam usando só a anágua e, para conservá-la, um avental por cima. A busca pelo branco, a partir da Idade Média, começa a ter uma ligação com a ideia do corpo limpo.

“Então, no século XIX, ela passa a ser uma coisa [de usar] por baixo. Já não é uma das peças principais. Por mais que, no Renascimento vertugado, um vestido vá por cima da anágua, se abrir, vai ver ainda uma saia de seda, com muito têxtil, até 30 metros de tecido.” Por conta, também, da Revolução Industrial, da diferença de classes mais acentuada e da necessidade de roupas cotidianas, a anágua ganha outro status, o de estar por baixo. “Já no século XX, a mulher era muito criticada se mostrasse sua anágua. Já nos anos 1960, há um pensamento de contracultura, que rompe com esses códigos. As mulheres deixam a anágua aparecer e ainda usam a meia-calça, que já não é da cor da pele, mas a meia soquete, a redução da meia-calça.”

O vestido de shantung selvagem, por cima da anágua, ganha esse nome “porque é como se, entre os bichinhos da seda, escolhessem os mais selvagens – e acaba que o componente da seda ganha um aspecto mais pesado do que a própria seda.” O grafismo, em preto e branco, é muito visto nos anos 1950 – e perdura até a década seguinte, com relação à Op art. “Esse p&b é como se fosse a negação do excesso de cores, uma volta à padronização. Até relembra os anos 1920 e o modernismo, quando um objeto para ser bem-resolvido segue a forma e a função – e, geralmente, se concebe em pouquíssimas cores.”

O grafismo domina a época, com a ideia de que é moderno por ser bem-resolvido, sem tantos detalhes que remetem a outros períodos. “Não só na moda, mas também no design e na arte. É um pensamento quase reductionista: para avançar nesse começo da segunda metade do século 20, é preciso ir resolvendo as coisas e fazer o mundo rodar mais veloz.”

“Quando você olha pra Fany, encontra toda a força, como uma silhueta maior, aquilo que abriga, mas com essa delicadeza por dentro, essa energia yin, essa vaidade. (...)”

“Com os avanços da tecnologia dentro da indústria têxtil e pós-Segunda Guerra Mundial e com o desenvolvimento cada vez maior dos sintéticos e da laycra, se chega a um material muito possível para todos (...)”

A blusa, dos anos 1950, pode ser enquadrada, também, no modernismo das formas, além de conversar com os ideais de futuro, da ficção científica e até da arquitetura, que traça os contornos dessa modernidade por vir. “Falando dos anos 1950 como uma época de impulso do consumo, é natural que mais e mais pessoas tenham acesso à essa estética, extremamente modernista, que me lembra [o fotógrafo] Richard Avedon e [o designer gráfico] Alexey Brodovitch.”

Pelerine – final do século 19 | Luvas – 1940

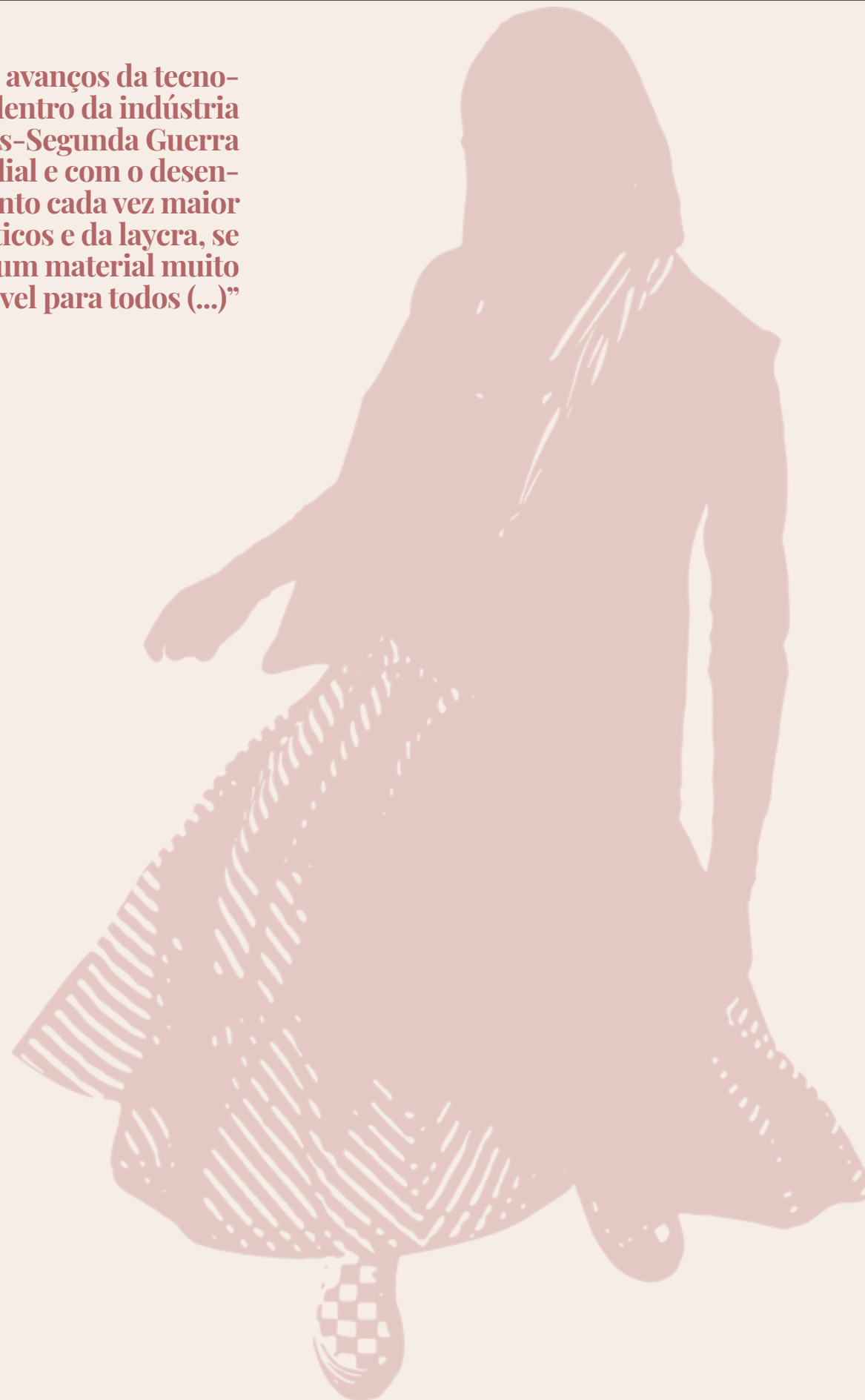
A pelerine, do final do século XIX, impressiona por ser um trabalho muito artesanal. A peça é feita com soutache de seda. “Estamos falando dessa manualidade, desse tempo lento. Ela é emblemática e forte, por mais que lá na Belle Époque, as mulheres não repetissem roupa, porque era uma humilhação, precisamos entender que, hoje, no momento em que possuo códigos fortes para explicar quem eu sou, eu preciso repetir, porque assim eu reforço minha identidade.” As luvas, parte importante da coleção, mostram a conexão com a tradição e a imagem de civilidade.

Kimono chinês – 1930

Para Dani, a volta do kimono está relacionada às mudanças comportamentais das últimas décadas. “Há 10 anos, desde que começamos nessa turbulência que já vinha da queda das torres gêmeas, vemos que existe um problema. Desde 2008, temos o fast fashion que nos acelera, para ir mais rápido. Aí temos um movimento de oposição. Isso vem comportamentalmente influenciando nossas decisões. Uma das peças que mais teve seu PDF baixado e tutorial no Youtube foi o kimono. Hoje, ele é uma peça imprescindível.” Por mais que tivesse saído das tendências, retornou com força durante a pandemia. “Com a volta da casa, o kimono volta forte porque traz junto o ritual, a espiritualidade. Uma conexão grande com o nosso sentimento hoje.”

Kimono japonês – 1930

O kimono japonês, com obi e bordado com fios de ouro, tem uma conexão ainda maior com a ideia de ritual. “Tem uma relação com o eixo da coluna, para quem estava largado no sofá durante esse tempo, e o eixo de vida, de abandonar a procrastinação e dar um rumo à vida. As flores estão sobre o preto como uma tradução do yin e yang que existe dentro de cada mulher. O preto, que representa a força, unido ao rosa dos bordados, da delicadeza.”



Conjunto de folclore húngaro – 1970 | Vestido de malha – 1970 | Lenço Mary Quant – 1960

Nos anos 1970, uma questão presente para algumas mulheres era em relação ao que vestir para entrar no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, em casa, precisava interpretar – e vestir – outro personagem, que era a mãe e a esposa. “Com os avanços da tecnologia dentro da indústria têxtil e pós-Segunda Guerra Mundial e com o desenvolvimento cada vez maior dos sintéticos e da laycra, se chega a um material muito possível para todos, em termos de preços, por isso a moda se alastra nos anos 1970. As casas de tecido passam a vender por quilo.” Nesta época, foi comum aos criadores lançarem lenços, especialmente por ser uma parte da marca mais acessível. “Tem relação com a Op art e movimentos artísticos mais pontuais – e arte psicodélica. A saia godê lembra a silhueta do Dior, mas é superleve.”

Blusa com babados – 1970 | Chapéu – 1970 | Bolsa – 1970 | Saia – 1970

“O ser humano nunca vai para um lado só. Ele também se conecta às cores. Esta peça hoje nos faz feliz, porque tem o roxo, o verde e o laranja – cores complementares”, diz Dani sobre a saia e o chapéu. Já na blusa, os babados são costurados um a um. “Quando a mulher quer crescer e aparecer, vai ter a manga presunto, que é a manga gigot, do século 19, do Romantismo. Mas lá ela se afunda na manga, o pescoço fica pequeno. Só que nos anos 1970, ela recupera: o pescoço se ergue com um chapéu ‘cheguei’, é mais sedutora, mostrando mais o colo e um volume nos ombros.” A saia é inspirada no trabalho do designer de moda italiano Emilio Pucci. “Lembra, também, Zuzu Angel, com todo aquele festival de cores e brasilidade. Ela já traz uma psicodelia.”

Vestido envelope – 1930

O vestido, dos anos 1930, é composto por duas peças separadas, que formam um envelope. “Era muito difícil para a mulher utilizar [esta peça], porque a roupa poderia cair e isso seria um escândalo na sociedade. Por isso, a modelagem envelope só é trazida para o mercado anos 1970 pela [estilista] Diane von Fürstenberg. É a mulher Gucci dos anos 1970. Essa peça específica, dos anos 1930, é de ousadia e atitude.”

Nos ombros, os pássaros são bordados à mão e com brilho. “Mesmo depois da Depressão de 1929, os anos 1930 não se conformaram em perder o brilho, o glamour e o ouro. Mas [ainda assim] tem muita presença do luto e de um clima tenso no ar, por conta dos suicídios da Depressão e por ser um período entre guerras.” ■